

“Memória do Cantinho”: formação da periferia urbana de Viçosa – MG

*Natália Carolina Alves
Bacharel e Licenciada em História
Universidade Federal de Viçosa – MG
Professora de História – Ensino Médio*

Resumo: Este trabalho visa analisar a formação da periferia urbana na cidade de Viçosa no estado de Minas Gerais. A cidade abriga a Universidade Federal de Viçosa, pólo de excelência educacional e pesquisa. As implicações da implantação da instituição numa cidade de pequeno porte foram inúmeras, entre elas o remanejamento da população através de uma política de criação de loteamentos na década de 1970. O objetivo deste artigo é expor e analisar depoimentos orais cedidos pelos moradores e demais pessoas envolvidas no processo, possibilitando uma análise política e social do evento, embasada em cabedal teórico e metodológico acerca da utilização da memória e da oralidade nos estudos históricos.

Palavras – Chave: História Social, Memória, História Oral, Periferia.



Igreja Matriz de Viçosa, 1940

Desde a segunda metade do século passado, a discussão acerca da utilização da memória nos estudos históricos tem ocupado lugar de relativo destaque entre os estudos historiográficos e sociais. Essas considerações vão ao encontro de diversas questões que envolvem a discussão acerca do caráter positivista da construção do saber histórico, desde tempos que remontam à Escola dos *Annales* (SORGENTINI, 2003).

A necessidade de “libertação” dos fatos essencialmente pontuais constituiu o cerne das críticas dos historiadores dos *Annales* já na primeira metade do século XX (BURKE, 1989). É importante ressaltar que é nessa historiografia que muitos autores, historiadores e cientistas sociais basearam-se inicialmente para tratar a questão da memória como objeto de estudo.

A questão da memória permite avaliar as práticas políticas nas suas mais diversas facetas. Pareado a essa questão, destaca-se também a relação entre o surgimento das regiões periféricas em diversas partes do país e o desenvolvimento político relacionado a elas, como especificamente sugere este artigo.

O estudo das regiões periféricas mostra a importância destes locais dentro do contexto social nacional, além da percepção da diversidade e dinamicidade existentes aí, que em grande parte das vezes fogem aos olhos. A formação desses locais, espontaneamente ou não, compõe uma parcela significativa da população marcada pela marginalização e abandono.

A análise da criação destes bairros talvez permita ir além em algumas questões. A fundação do bairro parte de uma iniciativa de setores privados e abastados da sociedade, diferente da questão dos complexos que podem ser classificados como um processo não ordenado de ocupação espacial. Dessa forma, uma das propostas é tentar entender como foi a aceitação das pessoas por parte dessa nova proposta de vida, bem como os mecanismos usados para que a proposta de mudança para uma região totalmente desfavorecida fosse atraente naquela época.

Pensando em tais hipóteses e avaliando a situação atual da periferia da cidade relacionadas à segurança e planejamento urbano, surgem alguns questionamentos que vão desde as propostas de otimização do espaço urbano, idealizada por Chequer, até os reais problemas (ou soluções) que esta empreitada proporcionou. O ponto crucial aqui é observar a diferença entre discurso e prática, com base especialmente nos depoimentos coletados.

As entrevistas foram cedidas por moradores de alguns bairros que correspondem à região da periferia de Viçosa e demais pessoas que, de alguma forma, estiveram envolvidas na criação dos loteamentos. Após pré-entrevistadas, as possíveis testemunhas foram selecionadas, devidamente consultadas e providas de todos os procedimentos legais para que as entrevistas fossem coletadas e utilizadas.

Utilizando de forma central as discussões acerca da memória e as fontes orais, este trabalho pretende então realizar um pequeno estudo acerca da história do município de Viçosa. A percepção através da utilização destas fontes dá-se em várias nuances, desde a observação do senso que estas pessoas têm acerca da história da qual fizeram parte até a mitificação da figura de Antônio Chequer, prefeito criador dos loteamentos.

Santa Rita do Turvo, como era chamada antes de tornar-se Viçosa, surgiu por volta de 1800, quando o padre Francisco José da Silva construiu uma capela dedicada à santa de mesmo nome. O curato que surgiu em torno da igreja, foi elevado à categoria de freguesia no ano de 1832 e a município no ano de 1871. No ano de 1876, surge a primeira alusão ao nome atual. Elevada à categoria de cidade, Santa Rita do Turvo recebe o nome de Viçosa de Santa Rita, homenagem feita ao então bispo da cidade de Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçoso. O nome Viçosa, entretanto, surgiria apenas na primeira década do século XX.¹

Estima-se que a cidade possua aproximadamente 75.000 habitantes, desconsiderando a parte da população denominada "população flutuante"². A esta categoria, pertencem estudantes, professores e funcionários que habitam a cidade por tempo determinado, desenvolvendo atividades relacionadas à própria Universidade Federal de Viçosa. Essa camada da população representa número significativo de pessoas que aquecem o comércio e o mercado imobiliário da cidade.

A cidade de Viçosa tem uma tradição política relativamente forte, especialmente por ter sido berço de um dos presidentes da república, Arthur da Silva Bernardes (1875 - 1955), que governou o país entre os anos de 1922 e 1926. É interessante ressaltar aqui que o orgulho dos viçosenses em relação ao ilustre conterrâneo é evidente. O "tempo de Arthur Bernardes" é lembrado com saudades até por quem não o vivenciou. É interessante observar este aspecto, pois se trata de uma memória difundida pelo senso

¹ Disponível em: <http://www.camaradevicosa.com.br> . Acesso em: 20/01/07

² Denominamos aqui "população flutuante" a parcela de habitantes da cidade de Viçosa que se tornam residentes da cidade por tempo determinado. Especialmente os estudantes fazem parte desta categoria, uma vez que permanecem na região apenas para conclusão dos períodos de graduação e estudos.

comum, uma espécie de lembrança implantada, de tempos que, apesar de desconhecidos pelo narrador, são considerados bons e felizes. (DELGADO, 2006, p. 17)

Tratando-se de política, a figura de Antonio Cheque (1932 - 1997), ex-prefeito da cidade de Viçosa e como já mencionado, idealizador dos loteamentos, é uma figura chave para a compreensão dos desdobramentos e importância do processo em questão. Prefeito por três mandatos, Antônio Chequer é lembrado até os dias de hoje com saudade e gratidão por grande parte da população da cidade, em especial a parcela mais carente.

Antônio Chequer nasceu no dia 26 de setembro de 1932, filho do emigrante libanês Fuad Chequer e da brasileira, porém também descendente de libaneses, Anita Muanis. Além de Antônio Chequer, o casal ainda teve quatro filhos: José Chequer, gêmeo de Antônio Chequer, Maria Halfa, Maria Helena e Elias Chequer.

A família possuía uma fábrica, a Calçados Halfa, onde Antônio Chequer trabalhava com os pais, desde os quatorze anos de idade. Interessado pelos negócios, Chequer abandonou os estudos antes de concluir o Ensino Primário para dedicar-se ao trabalho. Dentro de pouco tempo, já era um respeitado empresário da construção civil. Construiu prédios, condomínios e casas, inclusive os loteamentos foram empreitados pela construtora Chequer.



Centro de Viçosa, 1950

No ano de 1959, foi eleito vereador da Câmara Municipal de Viçosa pela primeira vez, voltando a ser eleito para o cargo em 1965. Em 1972, então com quarenta e um anos de idade, Chequer venceu as eleições para prefeito. Em 1988 venceu novamente as eleições, conservando até os dias de hoje o título de único prefeito viçosense a ser reeleito. Voltou à prefeitura pela terceira vez em 1996, entretanto, não cumpriu este mandato até o fim, vítima de uma parada cardíaca que o levou à morte em 27 de junho de 1997, aos sessenta e quatro anos de idade.³

³ Todas as informações aqui mencionadas foram retiradas de uma minibiografia intitulada “Um minuto de silêncio: Homenagem póstuma a Antônio Chequer” editada e distribuída a alguns amigos da família

Foi possível perceber mesmo através da pequena amostragem de entrevistas utilizadas para este trabalho, o quanto o prefeito é até hoje estimado pela população. Grande parte da estima deve-se ao planejamento dos loteamentos, em especial, os loteamentos direcionados às classes mais carentes.

Aqui foi construída a imagem de pessoa simples, homem do povo, pai dos pobres. Pode-se observar este fator neste trecho da entrevista cedida por Ângela Maria Damasceno Balbino, ex-secretária da Construtora Chequer, responsável especialmente pelas negociações referentes às vendas do bairro Nova Viçosa, o maior loteamento construído pelo ex-prefeito:

“Entrevistadora: Ele foi prefeito por três mandatos, não é isso?”

Ângela: Por três mandatos. Era um homem simples, assim, um homem do povo. Um homem assim... tinha a sua vida lá, era namorador, gostava demais de namorar, mas era uma pessoa simples, caridosa, carinhosa, preocupava com o povo simples. Muitas pessoas às vezes falam assim ‘ah, que o prefeito roubou’, todo mundo fala que o governo rouba, o prefeito rouba, não sei o que... Roubar? Roubou... eu não sei, não tenho certeza se roubou... mas que ele ajudou, ele ajudou. Aí ele abriu vários loteamentos em Viçosa, como eu já te citei aí, né? O Clélia Bernardes, o bairro Ramos, o bairro Lourdes, Amoras, Rebenta Rabicho, Novo Silvestre, Prefeito João Braz, bairro Santo Antônio. Já esses bairros são pra pessoas de mais poder aquisitivo, né? Agora o mesmo que foi, assim, pra ajudar a população, assim, em geral, foi o bairro Nova Viçosa.

(...)

Entrevistadora: Então o Antônio Chequer conseguiu mesmo fazer o que ele pretendia? (em relação à construção de um loteamento, no caso, o bairro Nova Viçosa, destinado à população carente)

Ângela: O que ele gostava. Ah! Antônio Chequer conseguiu, e como conseguiu! Antônio Chequer era do povo. Onde Antônio Chequer chegava, chegava aquela montoeira de gente; ele cumprimentava todo mundo, comia na casa de todo mundo, era uma cachacinha... era uma cachacinha aqui, “ah, vamos tomar uma cachacinha aqui, põe aqui, põe uma dose pra mim, ah, vou tomar um gole com você!” ‘ Toma aí! Vamos comer?’ ‘ Vamos. Quê que tem?’ Ah, tem angu com quiabo?’ ‘Põe um prato de angu

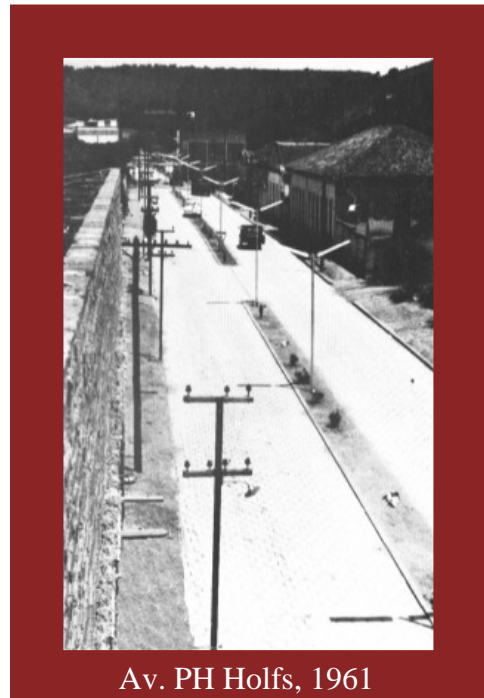
Chequer em 27 de junho de 1998, quando se completou um ano de sua morte. O encarte foi coordenado por Antônio Oliveira Mello. Não há disponibilização pública deste material.

com quiabo aí que eu vou comer! Põe um prato aí de angu com quiabo que eu vou comer!’ Então era aquela coisa assim, sabe? Aquele homem alegre, cheio de vida, sabe? Uma experiência, assim, coisa que eu acho um dom divino, porque Antônio Chequer não tinha formação acadêmica. Antônio Chequer não teve o primário completo. Mas era uma pessoa que se expressava bem, às vezes as pessoas falavam assim: ‘ô, Toninho Chequer, você não vai calçar essa rua aqui não?’ Ele falava assim: ‘não, vocês são ricos, meu eleitores não têm carro não, meus eleitores não tem carro não, pode ficar desse jeito mesmo! Vou asfaltar aí não, meus eleitores não têm carro!’ quer dizer, o Antônio Chequer era um prefeito dos pobres. Tinha muita relação com as pessoas de padrão aquisitivo mais alto, né? Mas o Toninho Chequer sempre foi assim uma pessoa muito humilde, muito humilde. E o povo de Antônio Chequer era o povo humilde. Se for contar pra você hoje, moça, eu ficaria aqui três dias falando sobre Antônio Chequer. Se eu te falar o tanto de afilhado que Antônio Chequer tem, moça... Antônio Chequer mesmo não sabia que tinha tantos afilhados. Se você falasse com ele ‘ah, é? É verdade? Ah, tô te conhecendo!’ Mentira, não tava lembrando de nada mais! Mas não podia fazer feio, né? ‘Oi, padrinho? Como é que o senhor tá? Tudo bem? Ô padrinho você me esqueceu?’ ‘Não, esqueci não... Onde é que você mora mesmo?’ (...) Porque era tanto afilhado, era tanto casamento, era tanta coisa que Toninho Chequer fazia. Quer dizer, Toninho Chequer levou uma vida assim que ele gostava. Porque Toninho gostava de ajudar as pessoas, gostava e gostava muito. E o povo chora... hoje as pessoas chegam aqui no escritório e falam assim, olham pro retrato que tá aqui na parede desse meu escritório e falam assim: ‘coitado... ah, se ele estivesse aqui... Nova Viçosa estaria bem melhor’. E com certeza... Nova Viçosa hoje está bem, mas se Antonio Chequer vivo estivesse, Nova Viçosa estaria nota 100. Porque ele trabalhava mesmo, Toninho trabalhava em prol das pessoas mais humildes. Nunca foi uma pessoa de mentir. Se ele te promettesse... Toninho era um político diferente, ele foi um político diferente. Que o político, todo mundo já sabe, promete, promete e não cumpre. Toninho Chequer não. ‘Olha, hoje eu não tenho pra te dar’ ‘Toninho, eu queria R\$50,00 hoje emprestado, eu vou te pagar no meu pagamento’. ‘Olha, hoje eu não tenho. Vem aqui sexta feira que eu te arrumo’. Não ficava só na conversa não, não se omitia não, não se escondia não... ‘Ô, Toninho Chequer, tá lembrado de mim?’ Talvez ele até nem lembrava, que era tanta gente que ele mexia.. ‘Ah, quê que era o seu caso?’ ‘Ah, você ficou de me emprestar R\$50,00’. ‘Ah, tá aqui seu dinheiro.’ Ele era um homem que prometia e cumpria. Isso assim, não tô querendo falar que Toninho Chequer era um homem bom, e que ele sempre fazia coisa boa, ele tinha seus defeitos, lógico. O que eu tô sendo é sincera. Ele era um prefeito que ele prometia e cumpria. Se ele falasse assim

‘Natália, tal dia assim, assim eu vou te arranjar isso’. Tal dia assim, assim, você podia ir lá que não era conversa de político não. ‘Ah, você volta amanhã, você volta depois’, cansando as pessoas, as pessoas ficando chateadas, não. Quando ele prometia, ele cumpria. Então assim, o Antonio Chequer foi uma pessoa muito excelente, ele faz muita falta pra Viçosa. E eu assim, vou te dizer com sinceridade, eu torço muito pra que o Ângelo seja o segundo Antonio Chequer. E eu sei que o Ângelo fará isso em memória do pai dele”.⁴

Antônio Chequer é visto como uma espécie de “pai” da população carente de Viçosa. A demarcação e venda dos loteamentos realizados pela Construtora Chequer foram de fato fundamentais na carreira do político, dando-lhe projeção suficiente para ocupar o mais alto cargo do poder executivo em Viçosa por mais duas vezes.

A construção dos loteamentos tem uma relação direta com a Universidade Federal de Viçosa. A universidade representa um pólo de pesquisa e ensino, referência no cenário mundial, desenvolvendo pesquisas importantes especialmente na área das ciências agrárias e biológicas. Ao contrário, a cidade de Viçosa apresenta-se estagnada - salvo algumas exceções como o setor da construção civil. Este fato deve-se especialmente à administração deficiente e a baixa receita da prefeitura, uma vez que a cidade não abriga indústrias ou demais fontes geradoras de impostos consideráveis.



Av. PH Holfs, 1961

Algum tempo depois de sua criação, a universidade já mostrava sinais de seu futuro promissor no desenvolvimento das ciências da terra. No ano de sua criação, a antiga ESAV, Escola Superior de Agricultura e Veterinária, contava com o funcionamento do ensino fundamental e médio juntamente com o curso superior em Agricultura. O curso de Medicina Veterinária foi implantado em 1937. No final da década de 1940, o governo estadual transformou-a em UREMG, Universidade Rural do

⁴ Trecho de entrevista cedida por Ângela Maria Damasceno Balbino em 09/12/2006

Estado de Minas Gerais. Esta medida visava aumentar e favorecer o crescimento da universidade, que neste momento, além de contar com os cursos superiores de Agricultura e Medicina Veterinária, já possuía a Escola Superior de Ciências Domésticas, a Escola de Especialização de pós-graduandos, além do Serviço de Experimentação e Pesquisa.⁵

O auge do desenvolvimento veio na segunda metade do século XX, quando o então presidente do Regime Militar General Arthur da Costa e Silva, no dia 15 de julho de 1969, federalizou a Universidade Rural, transformando-a em Universidade Federal de Viçosa.

A federalização e a criação de novos cursos de graduação, bem como a ampliação dos programas de pós-graduação, tornaram necessários o crescimento e melhoramento do espaço físico construído, tanto da universidade, como da cidade de Viçosa (RIBEIRO FILHO 1997, p. 111). É neste momento que se inicia uma espécie de êxodo rural, tendo como atrativo a cidade universitária. As lavouras de café, outrora abundantes e prósperas na região, enfrentavam um período de relativa decadência iniciado desde o fim da década de 1930, o que provocava o desalojamento e desemprego de centenas de famílias da região (RIBEIRO FILHO 1997, p. 114-115).

Iniciadas as construções e ampliações no *campus* universitário, grande parte destas pessoas deslocavam-se para a região atraídas por propostas de emprego. As construções civis também eram abundantes na cidade, uma vez que aumentando o número de cursos e especializações, aumentava também o número de alunos, engrossando a camada de população flutuante da cidade.

Dentro deste contexto, observa-se também o deslocamento da população para determinadas áreas, que a partir de então foram mais valorizadas ou perderam seu valor. O centro funcional da cidade de Viçosa acaba migrando para as proximidades do *campus*, novo coração da cidade. As regiões mais antigas, como a Avenida Santa Rita, Rua dos Passos e Avenida Bueno Brandão, perdem consideravelmente sua característica de centro ativo e residencial, apesar de não serem regiões inutilizadas até os dias de hoje.

As antigas ruas planejadas nos moldes dos bulevares franceses, como a própria Avenida Santa Rita (RIBEIRO FILHO 1997, p. 102-105), antes ocupavam lugar de destaque e eram regiões extremamente valorizadas na cidade. Não significa que estas

⁵ Disponível em: <http://www.ufv.br/>. Acesso em: 12 Jan 2007.

regiões perderam totalmente seu prestígio e valorização, porém o centro funcional da cidade deslocou-se para a Avenida PH Rolfs, principal acesso ao *campus* universitário.

Os loteamentos que marcaram a expansão urbana foram realizados especialmente durante a primeira gestão do prefeito Antônio Chequer. Dentre estes loteamentos, podemos citar o bairro Novo Silvestre, Amoras, Cantinho do Céu, Ramos, Lourdes, Nova Viçosa entre outros.

O bairro Ramos foi um dos primeiros loteados a serem construídos. O público alvo era a classe média alta, uma vez que o bairro deveria ser estritamente residencial. O bairro Lourdes, que inclusive localiza-se em região de uma fazenda que pertencia à família de Arthur Bernardes, foi inicialmente loteado por Moacir Andrade, também ex-prefeito da cidade de Viçosa. Entretanto, foi na gestão de Antônio Chequer que as principais ruas foram construídas e loteadas.

O crescimento urbano acentuado foi acompanhado, entretanto, por uma intensificação da segregação espacial na cidade, principalmente no setor habitacional. A estrutura da cidade de Viçosa não conseguiu absorver o crescimento populacional de forma adequada. Longe de proporcionar a modernização do campo e a amenização das desigualdades sociais e culturais, a criação da UFV aumentou as desigualdades sociais na região (SANTOS, 1991, p. 100)

No centro da cidade e regiões nas imediações do *campus*, ocorreu uma crescente verticalização. Inúmeros prédios foram construídos em velocidade assustadora, aumentando a especulação imobiliária e, desta forma, “peneirando” o perfil de moradores destas áreas. Os menos favorecidos acabaram sendo excluídos e empurrados para as regiões periféricas da cidade.

Esta situação pareceu agravar-se quando em 31 de dezembro de 1971, foi aprovada a lei nº 609, que proibia a construção de casebres nas áreas centrais da cidade (SANTOS, 1991, p. 114)

Esta medida solucionava um problema crucial, pois camuflava as mazelas da cidade universitária em lugares que se tornaram verdadeiros redutos de excluídos. Observando a atual situação destas regiões hoje, nota-se que a preocupação com um planejamento bem estruturado ficou em segundo plano. Na maior parte dos bairros criados, a preocupação com o provimento de serviços básicos como tratamento de água e esgoto e fornecimento de energia elétrica, também não foram preocupação central quando a região foi construída

A população viçosense engrossada pelos novos moradores, de uma forma ou de outra ligados à universidade, criava um novo mercado. Chequer foi um dos primeiros a perceber que, com o crescimento da universidade, a cidade de Viçosa definitivamente precisaria de mudanças. Naquele momento, Viçosa “precisou de uma mercadoria chamada habitação” (CHEQUER in SANTOS, 1991, p. 110)

A Construtora Chequer, foi responsável pela demarcação dos milhares de lotes que comporiam os loteamentos, áreas que anteriormente pertenciam a famílias tradicionais da região, até mesmo da própria família Chequer. Após demarcados e registrados, os lotes começaram a ser vendidos. Serviços básicos como tratamento de água, iluminação elétrica pública e mesmo residencial e rede de esgoto, eram projetos que principalmente nos loteamentos periféricos, não existiam. Existem relatos de que alguns lotes foram leiloados e mesmo entregues em forma de prêmios de jogos de bingo. O restante dos lotes foi negociado e vendido a preços irrisórios e parcelamentos facilitados:

— *“Ângela: Eu trabalhava com vendas. Nós tínhamos vários corretores na época e eram vendidos em média 50 lotes por dia. Então a pessoa ia ao local, olhava o lote, gostava do lote, o corretor passava essas informações pra mim e eu fazia o recibo de compra e venda pra essas pessoas.*

Entrevistadora: *Cinqüenta lotes por dia, Ângela?*

Ângela: *Por dia. Em média cinqüenta lotes por dia.*

Entrevistadora: *Então rapidinho vendeu tudo!*

Ângela: *Rapidinho vendemos tudo. Tivemos que comprar... adquirir outra área, comprar outra área pra desmembrar e fazer mais uma parte do bairro.*

Entrevistadora: *Por isso que o bairro é tão grande hoje, né?*

Ângela: *O bairro é tão grande. Nós estamos lá com três mil e quinhentos lotes.*

Entrevistadora: *Três mil e quinhentos lotes? É muita coisa... E o prefeito Antônio Chequer foi o idealizador desse loteamento?*

Ângela: *Sim. O prefeito Antônio Chequer conseguiu esse loteamento com o intuito de não deixar que favela crescesse no centro da cidade. Porque tinha muitas pessoas carentes, muitas pessoas sem condições e ele resolveu fazer isso e vendeu a preços irrisórios, quase que simbólicos. A pessoa... qualquer pessoa que ganhasse um salário mínimo tinha condições de pagar o lote. Um lote bom, seria Cr\$ 5.500 na época. Eu nem sei explicar que dinheiro era esse, mas eu sei que o pobre conseguia pagar. As*

prestações variavam de Cr\$ 250, Cr\$ 350, Cr\$ 400... Hoje fica meio difícil falar sobre esse dinheiro porque com tantas mudanças, né? Então todo pobre tinha seu lote lá, todo pobre. O Toninho Chequer construiu esse loteamento para que não ficassem as pessoas jogadas pra rua, as pessoas de baixa renda tivessem o seu cantinho, o seu local. Além de ele vender esses lotes, ele vendeu a preços, como já te falei, a preços simbólicos, sem ajuda de ninguém, sem custo algum e a pessoa pagava em até vinte e quatro meses... duzentos e cinquenta reais, trezentos e cinquenta, reais... desculpa! Cruzeiros, na época.

Entrevistadora: Devia ser menos até que isso se levasse pros dias de hoje...

Ângela: Se fosse levar pros dias de hoje eu acredito que não chegaria nem a cinquenta reais.”⁶

“Entrevistadora: E ele vendia os lotes muito baratos, não é?”

Adão: É, vendeu barato. Deu pra todo mundo, algum ele doou, algum ele deu dado, algum ele vendeu que era lote tão baratinho que deu pra todo mundo ter seu lote em Nova Viçosa.

Entrevistadora: Foi feito para as pessoas de mais baixa renda mesmo...

Adão: É, mais baixa renda, pra pessoas mais pobres que num tinha jeito de comprar um lote.”⁷

Vários lotes sequer possuíam registro de escritura, como se pode perceber analisando a documentação de compra e venda que hoje se localiza num escritório especialmente delegado para os loteamentos. A Construtora Chequer apenas emitia um recibo de compra e venda. As escrituras, em geral, demoravam a ser emitidas e a alta rotatividade de proprietários dos lotes dificultava ainda mais a situação.

Tanto no discurso da antiga secretária e amiga íntima da família Chequer, quanto no discurso de dois moradores atuais do bairro, percebe-se novamente a imagem de líder dos pobres construída em torno de Antônio Chequer, figura mitificada e, talvez não seja exagero dizer, sacralizada pela comunidade viçosense. Não é possível analisar a memória oral da formação do bairro e das pessoas aí envolvidas sem observar o imaginário que paira em torno desta figura que foi o ex-prefeito Chequer.

⁶ Entrevista cedida por Ângela Maria Damasceno Balbino em 09/12/2006

⁷ Entrevista cedida por Adão das Graças Sabino em 21/12/2006

O senso de gratidão e a imagem construída do prefeito parecem “bloquear” o senso crítico destas pessoas, não bastasse sua evidente marginalização política e social, sem a depreciação que esta colocação poderia significar. A análise das entrevistas evidencia este fato.

“Entrevistadora: *E os outros prefeitos continuam ajudando ou era mais o Antônio Chequer mesmo?*

Francisco: *Ah, era o Toninho Chequer. Prefeito igual o Toninho Chequer não encontra mais não. Os outros tão ajudando, mais não era igual ele, não. Toninho Chequer você chegava pra ele e falava assim ‘oh, Toninho Chequer, eu tô precisando de uma ajuda pra construir um barracãozinho ali, um lote pra construir minha casinha’. Ele falava assim “oh, vamos arrumar o que você precisa e qualquer coisa pode vir cá que nós vamos resolver”. Era desse jeito. As coisas de lá pra cá tem dificultado demais”.*⁸

A falta de assistência básica tornava mais difícil a vida das pessoas que haviam se deslocado para as regiões em busca de uma melhor qualidade de vida. Apesar de frisar em seu discurso a criação de bairros que “tivessem tudo lá. E que houvesse facilidade para construir uma casa” (CHEQUER in SANTOS, 1991, p. 110), não foi o que se concretizou.

“Entrevistadora: *Quando começou a vender os lotes então não tinha nada? Não tinha água, não tinha luz...*

Francisco: *Não, não tinha não. Não tinha água, não tinha luz, lotação começou tem pouco tempo, só... não tinha calçamento, não tinha nada. Aí a gente resolver partir pra cima do prefeito pra calçar e vir lotação direto, que não tinha jeito não. Não era fácil. Se fosse na rua, tinha que voltar a pé, mesmo no meio de um barreiro! A gente tinha que segurar pela beirada do barranco afora aí, num era fácil não!”.*⁹

Mesmo a falta de recursos no bairro, não impede que os moradores tenham uma gratidão exacerbada pelo prefeito Chequer. O aparente jogo político existente aí, passa despercebido aos olhos dos habitantes da periferia. Não foi incomum encontrar entre os relatos, alguns não registrados em entrevistas, afirmações sobre as melhorias que o prefeito Chequer poderia ter feito, não realizadas devido à sua morte prematura.

A validade de seus feitos também é algo a ser questionado aqui. Nota-se que a população ainda hoje continua extremamente grata às ajudas materiais do prefeito, que na maioria das vezes são citadas como doações de alimentos, materiais de construção e demais artefatos de ordem pessoal. Esta atitude pareceu criar uma teia de relações

⁸ Entrevista cedida por Francisco Assis da Rocha em 21/12/2006

⁹ Entrevista cedida por Francisco Assis da Rocha em 21/12/2006

particulares entre o prefeito e os moradores dos bairros periféricos, seus eleitores por excelência, que inclusive, escondia demais mazelas.

Mesmo não realizando mudanças essenciais e emergenciais para o bairro no seu segundo mandato, o prefeito foi reeleito pela terceira vez ainda usando como discurso principal de sua campanha a criação dos loteamentos, apesar de não corresponder de forma satisfatória às necessidades do povo e do lugar.

Planejar a periferia de Viçosa lhe trouxe um leque de vantagens. Inicialmente, a retirada da população carente do centro da cidade universitária, que a partir daquele momento não mais poderia

abrigar tal mazela aos olhos da nova categoria de moradores. A empreitada dos loteamentos foi realizada pela Construtora Chequer, de propriedade do próprio prefeito que, em depoimento na década de 80, afirmou ter obtido lucros com o fato (CHEQUER in SANTOS, 1991, p. 98).



Av. Santa Rita, 1950

O que resta é mais uma história de opressão que apresenta duas versões. De um lado o real projeto de construção habitacional da cidade do interior mineiro e de outro a utopia criada para a população carente. Mas este caso ainda vai além. A criação de uma imagem em bases sólidas, mas pouco verdadeiras, que até os dias de hoje vive no imaginário da população carente da cidade de Viçosa, presente tanto na “história oficial” quanto na memória local.

A percepção dos fatores citados através da pesquisa e análise corrobora a importância dos estudos calcados na oralidade. A interpretação orientada por bibliografia pertinente e as observações realizadas junto à comunidade contribuem para que um trabalho nas linhas propostas seja bastante proveitoso e venha contribuir para a construção do conhecimento histórico.

Fugindo dos possíveis preconceitos que ainda possam existir no âmbito acadêmico acerca das análises baseadas na metodologia de história oral, ressalta-se a importância de pesquisas no gênero para a construção de saberes históricos relacionados

à memória das populações periféricas, em especial no caso da cidade de Viçosa, que representa um caso singular.

Tratando-se da trajetória e história da cidade atrelada ao crescimento da universidade e os desdobramentos contidos neste evento, espera-se por este breve estudo, contribuir modestamente para a ampliação de pesquisas em um campo fértil, mas ainda pouco explorado no tocante às trajetórias das cidades interioranas e de suas periferias, atrelando ainda o contexto político e social que perpassa estas histórias.



Bibliografia:

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Aduato (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales*. 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 1989.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Ibid. pp. 16-19.

SANTOS, Ana Maria Corrêa dos. *Sociabilidade e ajuda mútua na periferia urbana de Viçosa*, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, 1991.

SORGENTINI, Hernán. Reflexión sobre la memoria y autorreflexión de la historia. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, 2003, p. 3. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Dez 2006. doi: 10.1590/S0102-01882003000100005.

THOMPSON, Paul. *A voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Entrevistas cedidas:

Ângela Maria Damasceno Balbino em 09/12/2006

Francisco Assis da Rocha em 21/12/2006

Adão das Graças Sabino em 21/12/2006